

Emigração e regresso numa fase avançada da vida

Abordagem comparativa entre a América do Norte e a Europa

Liliana Azevedo e Dora Sampaio

Resumo Neste capítulo, é feita uma análise comparativa da emigração e do regresso dos Açores para a América do Norte e de Portugal Continental para a Europa, em particular para a Suíça. Com base em dois estudos qualitativos, são explorados os ritmos do regresso na reforma, as dinâmicas espaciais e as mobilidades transnacionais, com ênfase nos processos de *home-making* e nas múltiplas pertenças. Ambas as pesquisas evidenciam as complexidades de regressar ao trabalho na idade da reforma, ou perto dela, e salientam as ambivalências, circularidades, e negociações familiares e de género que marcam a migração de regresso numa fase avançada da vida.

Palavras-chave: Migração de regresso; Reforma; Açores; Portugal continental; Análise comparativa.

Abstract This chapter presents a comparative analysis of emigration and return migration from the Azores to North America and from mainland Portugal to Europe, with a focus on Switzerland. Based on two qualitative studies, the chapter explores the rhythms of return in retirement, spatial dynamics and transnational mobility, with an emphasis on home-making processes and multiple belongings. Both studies highlight the complexities of returning at, or near, retirement age, and emphasise the ambivalence, circularities, and family and gender negotiations that characterise return migration in later life.

Keywords: Retirement return migration; Azores; mainland Portugal; comparative analysis.

Introdução

A emigração portuguesa do século XX do arquipélago dos Açores para a América do Norte e de Portugal continental para a Europa Ocidental constitui um dos pilares fundamentais da história e geografia migratórias portuguesas com ramificações profundas até aos nossos dias. Não obstante, estes

fluxos migratórios permanecem analisados em silos e carecem de análises comparativas.

Neste capítulo, adotamos uma abordagem integrada, analisando comparativamente os movimentos migratórios entre os Açores e a costa leste dos Estados Unidos e do Canadá, e entre Portugal continental e a Suíça. Este pequeno país do centro da Europa tornou-se um dos principais destinos da emigração portuguesa nas últimas quatro décadas e foi, aliás, o país que totalizou o maior número de entradas de portugueses em 2023 e 2024 (Pires et al., 2025; Vidigal, 2025).

Tomando como ponto de partida dois estudos qualitativos de cariz etnográfico, este texto debruça-se sobre duas questões centrais e profundamente interconectadas no processo de emigração e regresso: por um lado, as temporalidades e os ritmos associados à migração de regresso para fins de reforma e, por outro, as questões espaciais que moldam trajetórias de regresso, circularidades e mobilidade transnacional numa fase mais avançada da vida. Mais especificamente, analisamos estas questões à luz dos processos de i) *home-making*, enquanto dinâmicas relacionais e multisituadas através de reconfigurações familiares e espaciais, e ii) das pertenças múltiplas que enriquecem e complexificam os processos de regresso, que estão longe de ser lineares ou estanques, nomeadamente em idades mais avançadas (Walsh & Näre, 2016).

As experiências de emigração e regresso discutidas neste capítulo resultam de duas investigações de doutoramento, uma completada na Universidade de Sussex, em 2018, e outra no Iscte — Instituto Universitário de Lisboa, em 2023. No caso do primeiro estudo, levado a cabo pela geógrafa Dora Sampaio, foram recolhidas 36 narrativas de vida ao longo de sete meses de trabalho de campo (2014-2016) nas ilhas açorianas de São Miguel, Terceira, Faial e Pico (referências específicas a determinadas ilhas são mencionadas quando pertinente). As entrevistas discutidas neste capítulo foram realizadas com indivíduos com 50 anos de idade ou mais, nascidos nos Açores, que emigraram para a América do Norte e, num período mais maduro da vida, decidiram regressar aos Açores. Algumas das entrevistas também incluíram casais e, por vezes, outros membros da família. Os relatos partilhados ilustram experiências de regresso e negociações em relação ao presente e ao futuro, por vezes inequívocas e com orientação clara e, por vezes, também ambivalentes e incertas, nomeadamente na relação com o lugar e entre gerações.

No caso do segundo estudo, a socióloga Liliana Azevedo realizou uma extensa pesquisa de terreno entre 2018 e 2022, tanto no país de origem como no de destino, respetivamente Portugal e a Suíça. Durante esse período, foram recolhidas narrativas de vida junto de 37 mulheres e homens, com idades compreendidas, à época, entre os 58 e os 68 anos, residentes e ex-residentes na Suíça. O objetivo principal desta investigação era compreender o impacto da transição para a reforma de portugueses e portuguesas residentes na Suíça há

várias décadas e como os projetos de reforma são negociados no seio do casal e, em particular, a decisão de regressar, ou não, a Portugal. Em 2022, um terço das pessoas entrevistadas havia regressado recentemente ou planeava regressar, enquanto dois terços permaneciam na Suíça – destes, a maioria manifestava uma certa ambivalência quanto à sua futura localização. Observou-se, contudo, que a maior parte optou por regressar, mesmo que essa não tivesse sido a sua intenção alguns anos antes. Esta decisão foi influenciada pelas trajetórias socioprofissionais e dinâmicas transnacionais moldadas pelos projetos migratórios iniciais, e articula-se com dimensões espaço-temporais, os percursos de vida e normas de género.

Neste capítulo, desenvolvemos uma análise comparativa das experiências dos dois grupos acima mencionados. As nossas reflexões assentam numa leitura temática das entrevistas, articulada ao longo de várias discussões entre as autoras. Este procedimento permitiu-nos identificar perspetivas matizadas sobre os processos de envelhecimento que, nos dois casos analisados, ora convergem, ora divergem, ora se complementam.

Com base nesta análise comparativa, propomos uma abordagem mais abrangente dos percursos de emigração e de regresso a Portugal em fases mais avançadas do ciclo de vida, procurando evidenciar as dinâmicas, continuidades e novas configurações que marcam estas trajetórias. Ao longo do capítulo, são utilizados pseudónimos e todas as informações suscetíveis de identificar as e os participantes foram modificadas de forma a proteger a sua identidade.

Histórias de emigração e regresso

A emigração portuguesa tem sido motivada, em larga medida, pela busca de uma vida melhor, tendo passado por quatro grandes ciclos (Pereira & Azevedo, 2019), o primeiro dos quais ficou conhecido como ciclo transatlântico: iniciou-se em meados do século XIX e prolongou-se até à segunda guerra mundial, tendo como principal destino as Américas. Neste período, a emigração açoriana para a América do Norte foi inicialmente impulsionada pela indústria baleeira e, mais tarde, por desastres naturais. O segundo ciclo da emigração portuguesa iniciou-se em finais da década de 1950 e terminou com a transição democrática de Portugal. Neste período, os fluxos redirecionaram-se em grande medida para a Europa, sendo a França, a Alemanha e o Luxemburgo os principais países de destino. As restrições impostas pelo Estado Novo à emigração levaram muitas pessoas a sair clandestinamente do país (Pereira, 2009). Ao invés, os fluxos migratórios para as — então — colónias africanas eram incentivados (Castelo, 2009). O terceiro ciclo iniciou-se após 1974 e foi marcado pela integração europeia e o surgimento de novos destinos, entre os quais se destaca a Suíça. O quarto ciclo, iniciou-se em 2001,

intensificou-se após a crise das dívidas soberanas em 2011 e foi marcado pela saída massiva de perfis muito diversos, a emergência de novos destinos europeus e a reativação de antigos destinos tanto no Norte como no Sul Global.

Os movimentos de saída foram sempre acompanhados de movimentos em sentido contrário, embora a sua intensidade tenha variado fortemente consoante os destinos e as épocas. Os discursos políticos foram, também eles, oscilando, ora dando mais ênfase à retenção de mão-de-obra ou “talento”, ora destacando a necessidade de “recuperar” quem havia saído por necessidade – uma tendência que se pode observar, por exemplo, na transição para a democracia (veja-se os programas do Partido Popular Democrático de 1974 e do Partido Socialista de 1976¹) e, mais recentemente, com a implementação do programa *Regressar* (Pinho et al., 2022).

Os estudos sobre movimentos de regresso desenvolveram-se a partir dos anos 1960-70, mas é sobretudo na década de 1980 que o debate académico se desenvolve. A produção científica sobre o fenómeno nunca mais parou, “ao ponto de se tornar uma pedra angular no campo dos estudos sobre migrações” (King & Kuschminder, 2022, p. 1). Em Portugal, foram amplamente estudados o repatriamento das antigas colónias (Pires & Silva, 1987), o regresso de trabalhadores emigrados em França e Alemanha (Poinard, 1979, 1983; Silva et al., 1984; Amaro, 1985; Paiva, 1985; Rocha-Trindade, 1987) e o regresso dos Estados Unidos da América para os Açores (Rocha, Ferreira & Mendes, 2011; Couchinho, 2023). Após um abrandamento em termos de estudos científicos neste campo, tem-se assistido a um renovado interesse pelo tema nos últimos quinze anos (Candeias et al., 2014; Oliveira et al., 2016; Sampaio, 2017; Peixoto et al., 2019; Pinho et al., 2021a, 2021b; Marques & Góis, 2023; Azevedo, 2023).

Dos Açores para a América do Norte

Os Açores, um arquipélago português de nove ilhas localizado no Atlântico Norte, possuem uma história e geografia que os colocam, espacial, histórica e sociologicamente, distantes do continente português. Como, por vezes se diz na sabedoria popular açoriana, “é mais fácil encontrar um açoriano que visitou a América do Norte do que o Continente [português]”. Apesar de continuar a ser um contexto relativamente pouco estudado, os Açores constituem um epicentro de transnacionalismo e migrações e um rico “laboratório espacial” para estudar os processos de migrações e envelhecimento e as suas interligações. As ilhas representam um importante ponto e espaço de intercâmbios sociais e culturais, mantendo ao mesmo tempo uma identidade

1 Disponíveis em <https://www.psd.pt/sites/default/files/2020-09/programa-partido-1974.pdf> e em https://ps.pt/wp-content/uploads/2021/03/1976.25.abr_Programa.para_um_Governo.PS_Vencer.a.Crise_Reconstruir.o.Pais_.pdf [Consultados em 29.12.2025]

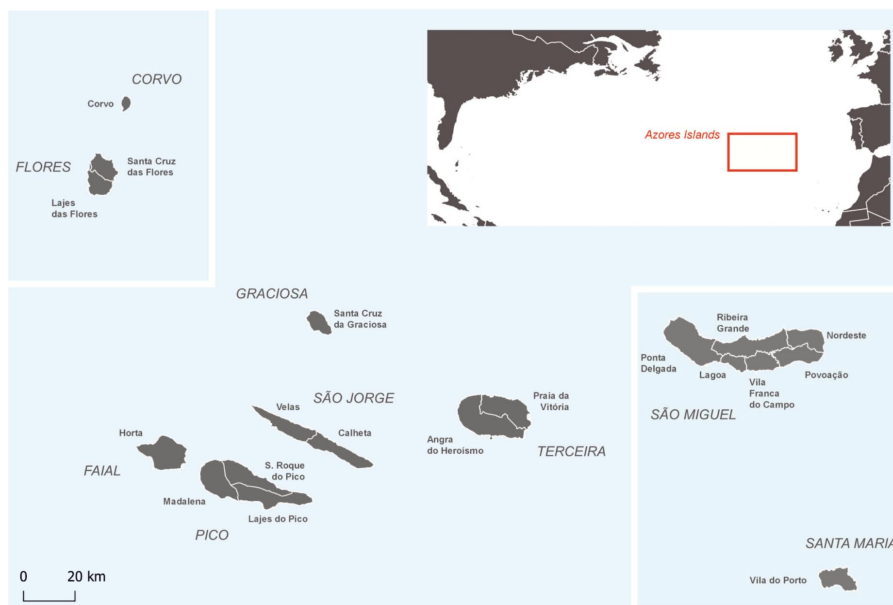


Figura 1.1 Mapa dos Açores

Fonte: Sampaio & King, 2019.

insular discernível, conhecida como açorianidade. Devido à sua geografia insular, o arquipélago constitui um local de ancoragem, mas também um local liminar entre o mar e a terra, simbolizando sentimentos de pertença e liberdade entre aqueles que se mudam para lá (Sampaio & King, 2019). O arquipélago está organizado em três grupos: o Grupo Oriental, incluindo as ilhas de São Miguel e Santa Maria; o Grupo Central, compreendendo as ilhas Terceira, Graciosa, São Jorge, Pico e Faial; e o Grupo Ocidental, composto pelas ilhas Flores e Corvo (figura 1.1). De acordo com as estatísticas nacionais, na altura do trabalho de campo, São Miguel — a maior e mais populosa ilha dos Açores — concentrava 56% da população do arquipélago (INE, 2016).²

A afirmação de Gilberta Rocha (2008, p. 288) de que “a história dos Açores é também a sua história de emigração” não é exagerada. Os Açores são um caso particularmente notável pela magnitude e direção dos seus fluxos migratórios. A emigração dos Açores iniciou-se no século XIX e dirigiu-se principalmente

2 À data do trabalho de campo, as quatro ilhas onde a etnografia foi realizada — São Miguel, Terceira, Faial e Pico — contavam com 138.138, 55.955, 14.759 e 13.834 habitantes, respetivamente (INE, 2016). O Censo de 2021 revela que os Açores perderam 4,2% da sua população, totalizando 246.772 habitantes (INE, 2021).

para a América do Norte (Williams & Fonseca, 1999). Este êxodo significativo das ilhas foi impulsionado pela pobreza e desigualdades sociais, num contexto em que recursos como o acesso à terra se encontravam concentrados num número reduzido de famílias privilegiadas. Mais tarde, a emigração foi também instigada pela ditadura em Portugal que se prolongou até 1974, bem como por catástrofes naturais, como erupções vulcânicas e terremotos (nomeadamente, a erupção vulcânica dos Capelinhos, na ilha do Faial, em 1957-58). No estrangeiro, os açorianos dedicaram-se principalmente a setores laborais intensivos em mão de obra, tais como a agricultura, a pesca, a construção, a limpeza e o trabalho fabril (Rocha, Medeiros & Ferreira, 2011). Vários autores têm argumentado que a emigração portuguesa, e a emigração açoriana em particular, são caracterizadas por um sentimento de *saudade* profundamente enraizado (Klimt, 2000; Teixeira, 2010). Os níveis de regresso aos Açores, especialmente ao longo das décadas finais do século XX, refletem precisamente isto. Os açorianos que regressam são primeiramente provenientes da América do Norte e, em menor número, das Bermudas e do Brasil. Os números mais elevados de regresso foram registados no final da década de 1980 e no início da década de 1990, associados à aproximação do período de reforma de alguns açorianos que emigraram nos anos 1950-60 e ao contexto de recessão económica nos Estados Unidos na década de 1980 (Rocha, Ferreira & Mendes, 2011). O sentimento de pertença e a família nos Açores são algumas das razões mais importantes para o regresso associado à reforma. De acordo com um dos poucos inquéritos existentes, 60% dos açorianos regressados aos Açores neste período tinham mais de 60 anos e 80% mais de 50 anos. Prevê-se que esta população envelheça nos Açores (Rocha, Medeiros & Ferreira, 2011; Sampaio, 2022).

De Portugal continental para a Suíça

Em Portugal continental, até meados do século XX, os movimentos emigratórios dirigiram-se igualmente para destinos transatlânticos, destacando-se o Brasil. O redirecionamento para a Europa ocorreu no final da década de 1950 e no início da década de 1960. Com o Estado Novo e a “guerra colonial” como pano de fundo, muitos homens, mas também mulheres e crianças, partiram “a salto”, atravessando clandestinamente as fronteiras com a ajuda de “passadores” (Silva, 2024). Os motivos para emigrar eram tanto políticos como económicos e a França tornou-se o principal destino europeu. A Alemanha e o Luxemburgo também se destacaram como destinos importantes.

Nas décadas de 1960 e 1970, a população portuguesa na Suíça era muito reduzida e bastante heterogénea, incluindo migrantes económicos, opositores ao regime, desertores e respetivas companheiras (sobre o tema do exílio político na Suíça, veja-se Pereira, 2010; Barreto et al., 2011). Até ao final da década de 1970, as entradas anuais (legais) provenientes de Portugal raramente

ultrapassavam as mil e, em 1980, residiam na Suíça menos de 11.000 portugueses/as com autorização de residência permanente e pouco mais de 1.100 trabalhadores/as sazonais (Azevedo, 2023). Foi a partir da década de 1980 que a Suíça se tornou um destino atrativo para quem procurava uma vida melhor fora de Portugal, dado que a economia helvética recuperou mais rapidamente do que a dos países vizinhos, que haviam interrompido o recrutamento de trabalhadores estrangeiros em resultado da recessão económica dos anos 1970.

Após a entrada de Portugal na Comunidade Económica Europeia (CEE), em 1986, a emigração portuguesa para os países europeus voltou a intensificar-se. Embora não fazendo parte da CEE, a Suíça tornou-se o principal polo de atração de migrantes portugueses (Marques, 2008). A aceleração da emigração portuguesa para a Suíça ocorreu em meados da década de 1980, altura em que a economia suíça necessitava urgentemente de mão de obra pouco qualificada (Piguet, 2004). A intensidade dos fluxos migratórios para aquele país num curto espaço de tempo fez com que a população portuguesa se tornasse o terceiro maior grupo estrangeiro, posição que mantém até aos dias de hoje.

Durante toda a segunda metade do século XX, o regime migratório suíço era muito restritivo, baseado numa lógica de rotatividade da mão de obra estrangeira (D'Amato, 2011). A esmagadora maioria dos portugueses entrou na Suíça como trabalhadores pouco qualificados nos setores da agricultura, da construção e do turismo – setores esses em que era mais difícil contratar trabalhadores nacionais. Os chamados “*saisonniers*” não podiam permanecer no país por mais de nove meses. A precariedade deste estatuto legal tornava-os vulneráveis a situações de exploração laboral, sendo-lhes negados direitos fundamentais como a mobilidade profissional ou geográfica, o direito ao subsídio de desemprego e o direito ao reagrupamento familiar. Só alcançavam o estatuto de residentes permanentes após perfazerem 36 meses de contratos sazonais sucessivos³ (para uma discussão sobre as implicações individuais e familiares do estatuto de *saisonnier*, veja-se Minga, 1985; Archives contestataires, Collège du travail & Rosa Brux, 2019; Azevedo, 2023).

A alteração da política migratória suíça, com a entrada em vigor do Acordo de Livre Circulação com a União Europeia, em 2002, contribuiu para um aumento substancial da população portuguesa residente no país, tendo o pico sido atingido em 2016, com 269.521 portugueses residentes – este número reduziu-se desde então, devido ao efeito conjugado de um saldo migratório negativo no período 2017-2022 e da aquisição da nacionalidade de suíça.

3 A partir de 1976, passaram a ser exigidos 36 meses, antes disso, o período de sazonalidade exigido até se poder alcançar um estatuto de residente, era superior .

Em 2024, residiam cerca de 263.000 pessoas de nacionalidade portuguesa na Suíça,⁴ representando 11% do total da população estrangeira naquele país (SEM, 2025). Este aumento populacional foi acompanhado por uma diversificação de perfis, que se reflete ao nível da integração profissional, pese embora a maioria continua a ter qualificações globalmente baixas (Azevedo, 2025). Entre as características da migração portuguesa para a Suíça, destacam-se a forte presença das mulheres e a sua alta taxa de participação no mercado de trabalho, bem como uma forte orientação para o regresso (Fibbi et al., 2010).

O regresso a Portugal numa fase avançada da vida

Vários autores ensaiaram propostas de tipologias de regresso. A mais conhecida é, talvez, a de Cerase (1974) que propôs quatro tipos de regresso: fracasso, conservadorismo, inovação e reforma. Efetivamente, alguns estudos apontam a transição para a reforma como um dos momentos mais propícios para concretizar intenções de regresso (Klinthäll, 2006; Bolzman & Bridji, 2019). Nenhuma tentativa de classificação conseguiu, porém, dar conta das múltiplas e complexas dimensões que a “aparente simplicidade” do termo esconde, frisam King e Kuschminder (2022, p. 3).

No final do século XX, o transnacionalismo começou a pôr em causa a visão tradicional do regresso como “o fim de um ciclo migratório” (Paiva, 1985), salientando “padrões de mobilidade circular” (Guarnizo, 1997, p. 289). Estes movimentos transnacionais incluem visitas periódicas ao país de origem, que podem tanto desencadear e sustentar projetos de regresso, ao contribuírem para a manutenção de laços e para a atualização de informações, como desencorajá-los (Duval, 2004; Conway et al., 2009). A prática de regressos cíclicos, seja de curta ou longa duração, pode substituir o regresso propriamente dito. Neste caso, opta-se por uma circulação pendular em vez de uma mudança de residência permanente (de Haas & Fokkema, 2010).

A questão da mobilidade entre *cá* e *lá* quando chega a hora da reforma é, aliás, uma questão recorrente na literatura (Bolzman et al., 2006; de Coulon & Wolff, 2010). Por outro lado, ao contrário da ideia difundida há algumas décadas (Paiva, 1985), atualmente reconhece-se que o regresso não representa o fim de um ciclo migratório. De facto, os nossos dados empíricos mostram que o regresso não põe fim à circulação entre o país de origem e o país de destino: depois da reforma, visitar e apoiar filhos/as e netos/as que ficaram no país onde se residia anteriormente é um dos motivos mais apontados. Este

4 De acordo com os dados do Observatório da Emigração, a Suíça mantém-se como o segundo país do mundo, a seguir à França, onde reside mais portugueses/as emigrados/as, isto é, residentes na Suíça nascidos em Portugal (Pires et al., 2025).

aspecto é igualmente referido na literatura (Couchinho, 2023). Efetivamente, configurações familiares transfronteiriças favorecem movimentos de vai-vém numa idade mais avançada (Baykara-Krumme, 2013).

Da América do Norte para os Açores

O sentimento de pertença à comunidade local é um tema recorrente nos relatos dos açorianos que, ao longo dos anos, regressaram aos Açores. Este apego ao lugar e “regresso a casa” é por vezes expresso diretamente, por meio de exemplos, e por vezes através de metáforas e comparações entre o país de origem e o país de destino. Albertino, na casa dos 60 anos, e Silvina, na casa dos 80, emigrados na costa leste do Canadá e dos Estados Unidos, respetivamente, e regressados aos Açores nos finais dos anos 1980 e meados dos anos 2000, expressam com veemência o seu apego ao lugar onde se sentem confortáveis e seguros. Albertino e Silvina relatam estas experiências fazendo paralelos entre elas. A emigração e o regresso surgem enquanto projetos migratórios comparativos nos quais os Açores são contrapostos ao país para onde se emigrou, descrito como mais inseguro e menos tranquilo. Nas palavras de Albertino:

Aqui [nos Açores] é só paz e tranquilidade. Saímos de casa, deixamos as portas destrancadas e não acontece nada. No Canadá, não era assim.

Após a sua reforma antecipada⁵, Albertino não viu razões para que ele e a sua família permanecessem no Canadá. Apesar de ter vivido quase duas décadas no estrangeiro, para ele, a sua ideia de “lar” continuava concretamente localizada nos Açores e o desejo de regressar à sua comunidade de origem nunca diminuiu ao longo dos anos. Os Açores continuaram a ser o lar “emocional”, enquanto o Canadá permaneceu um lar “instrumental” ligado ao trabalho e à obtenção de recursos suficientes para garantir uma vida confortável na reforma, após o regresso aos Açores (Hunter, 2016).

Eu morava em ‘Little Portugal’ [em Toronto]; os meus vizinhos eram todos portugueses. Às vezes, depois de um dia de trabalho, eu dizia: “ah, venham cá, vamos à adega”, e descíamos para tomar uma bebida. Em nada de tempo, fazíamos uma

5 A idade de reforma nos Estados Unidos e no Canadá é distinta, com variações ao longo dos anos. Atualmente, nos Estados Unidos é possível usufruir de uma pensão de reforma entre os 66 e 67 anos, dependendo do ano de nascimento. No Canadá, a idade padrão de reforma é aos 65 anos, sendo possível reformar-se antes ou depois desta idade, com ajustamentos ao valor da pensão de reforma a usufruir. Naturalmente, a possibilidade e o valor da reforma a receber dependem do número de anos e do valor total das contribuições para a segurança social nos respetivos países de destino. Quando o regresso aos Açores ocorre no período anterior à reforma, há um período de espera até que se atinja a idade de reforma e uma pensão de velhice possa ser solicitada.

festa, cantávamos... sentia falta das festas da paróquia, da matança do porco, da produção de vinho. [...] A minha casa é aqui [nos Açores]. Depois de deixar o Canadá, adeus. Nunca mais tive aquela vontade... nem mesmo de voltar para uma visita.

A distância geográfica entre os Açores e a América do Norte e menor disponibilidade de ligações aéreas transatlânticas, especialmente no caso das ilhas do Pico e Faial (bem como no caso das restantes ilhas de menores dimensões), funcionam muitas vezes como força de atrito, contribuindo para um maior distanciamento físico e emocional do país para onde se emigrou.

Experiências similares são salientes na narrativa de Silvina, na qual ela reflete, num tom de apreensão, sobre as mudanças decorridas ao longo dos anos no bairro em que vivia nos Estados Unidos. Estas mudanças são apresentadas enquanto motivos (parciais) para o regresso aos Açores:

Eu já não queria ficar lá [nos Estados Unidos]. Até a rua onde eu morava estava diferente. No início, éramos os proprietários das casas, mas depois os proprietários começaram a morrer e os filhos começaram a alugar as casas para construir outras novas [nos subúrbios] (...) agora [à data da entrevista] só resta uma vizinha que eu conhecia. Ela tem 86 anos e, quando conversamos, ela diz: "Silvina, esta rua já não é a mesma [referindo-se à falta de segurança]". Aqui [nos Açores], posso sair para caminhar em segurança, sentar-me no parque, aproveitar [a vida].

Experiências de regresso, como as de Albertino e Silvina, revelam ligações complexas entre o processo de envelhecimento, o apego ao lugar e uma "busca de ancoragem", um conceito que Corcoran (2002) utiliza para descrever o desejo de recriar raízes em fases mais avançadas da vida. No contexto dos Açores, as ilhas simbolizam um sentimento de pertença a uma comunidade entendida como mais coesa, onde os laços de solidariedade e valores tradicionais da família permanecem mais fortes (para um caso paralelo, veja-se Burholt et al., 2013). Os Açores são descritos não apenas como "pátria", mas como um lugar que emana um desejo de regresso a casa. Ao longo do trabalho de campo nos Açores, tornou-se evidente que um sentimento forte de nostalgia e o desejo de recuperar e reavivar memórias felizes da infância estavam também profundamente impressos nos projetos migratórios de regresso. Os açorianos que regressaram ao arquipélago referiam-se a um desejo de fechar um ciclo da vida e cultivar e reviver memórias felizes do passado numa fase mais avançada da vida. Desta forma, o regresso aos Açores numa idade mais próxima da reforma ou enquanto reformados representa tanto um reposicionamento geográfico como um reposicionamento temporal e a "imaginação de voltar a casa significa voltar 'atrás' tanto no espaço como no tempo" (Massey, 2005, p. 124).

Um exemplo deste reposicionamento espaço-temporal e ligações transnacionais que perduram para além do momento do regresso é o Festival do



Figura 1.2 Festival do Emigrante

Fonte: Fotografia de Dora Sampaio, 2014.

Emigrante, que decorre todos os anos na ilha Terceira (figura 1.2). Durante um fim de semana em agosto, açorianos que regressaram, açorianos emigrados que visitam as ilhas no verão e açorianos que nunca emigraram juntam-se para dois dias de música tradicional, comida típica e jogos tais como a tourada à corda (uma tradição da ilha Terceira). Em pequenas barracas alinhadas à entrada de um campo aberto rodeado por floresta e campos verdes, mulheres açorianas que regressaram da América do Norte preparam iguarias que ligam o espaço transatlântico; uma destas iguarias é os *donetes* (léxico local para “donuts”). O Festival do Emigrante constitui assim um espaço que permite cultivar experiências e memórias da emigração e do regresso através de música (incluindo o rancho folclórico local), jogos e comida.

Apego ao lugar e experiências de género

Dimensões relacionadas com a segurança, tranquilidade e um ambiente favorável ao envelhecimento foram frequentemente enfatizadas pelos açorianos

regressados, especialmente mulheres e aqueles que vivem sozinhos. Silvina, por exemplo, relatou:

Sinto-me bem aqui. Sinto-me melhor aqui do que nos Estados Unidos. Na minha idade, estou melhor aqui. Se fosse jovem, se ainda estivesse a trabalhar, se tivesse o meu marido, seria diferente, mas sozinha estes anos todos, sinto-me melhor aqui. Posso sair à rua e não tenho medo.

Vivências como as de Silvina revelam uma dimensão de género no regresso ligada à procura de tranquilidade, sossego e segurança. Contudo, as experiências de regresso entre mulheres estão longe de serem homogéneas ou lineares. Dina, esposa de Albertino, na casa dos 60 anos, partilhou uma outra experiência que ecoa um padrão comum entre casais que regressam ao país de origem: as mulheres tendem a encontrar mais barreiras na readaptação e são mais propensas ao isolamento e à solidão após o regresso (veja-se também Vlase, 2013; Azevedo, 2022).

Durante a conversa com Albertino à mesa de jantar, Dina estava ocupada a dobrar roupa e a preparar o jantar. Embora nos dissesse que estava atarefada e que não tinha tempo para juntar-se a nós, continuava a ouvir a nossa conversa e a intervir regularmente. Dina sentia-se em conflito com emoções difíceis de conciliar por ter deixado para trás familiares e amizades que tinha criado ao longo dos anos em Toronto. Apesar dos seus esforços de conciliação, ao longo dos anos, o descontentamento na voz de Dina era evidente ao descrever a vida laboriosa, mas profundamente gratificante, que tinha no Canadá, em contraste com a experiência de regresso aos Açores. Ao contrário do marido, envelhecer nos Açores não tinha revigorado Dina:

Este não é um lugar com futuro. É um lugar triste, não há nada aqui. É o fim do mundo, querida. Uma cidade grande como Toronto 'dá-te vida'. Tens de trabalhar muito. Trabalhei sete anos, dia e noite, como empregada doméstica, mas tinha alegria. Trabalhas, ganhas o teu dinheiro, podes comprar o que quiseres, tens em abundância. Aqui, vais ao minimercado e tens de procurar, procurar... compras quase nada e são 100 euros ou mais. Compras quase nada! Não é andar para trás?

De notar, na narrativa de Dina, o uso da expressão “andar para trás” para descrever a vida nos Açores. Tal afirmação parece sugerir uma hierarquia mental na qual o país de destino é entendido como estando “mais avançado”, social, cultural e economicamente do que o país e lugar de origem. O regresso emerge assim com temporalidades e espacialidades distintas nas quais regressar ao lugar de origem é entendido enquanto um movimento tanto no espaço como no tempo.

Experiências de regresso como as da Dina refletem o facto das mulheres vivenciarem uma transição mais marcante para contextos mais tradicionais

que tendem a restringir algumas das liberdades quotidianas que estas conquistaram durante o período de emigração na América do Norte. Estas negociações de regresso são também muitas vezes complicadas pelo facto do regresso ocorrer normalmente de contextos urbanos para contextos rurais. Por exemplo, o contraste entre uma vida social mais ativa no estrangeiro e o acesso a um conjunto mais amplo de comodidades tais como parques temáticos, espaços de lazer e espaços comerciais e o regresso a contextos rurais de menor dimensão, com menor diversidade de comércio e opções de lazer. Experiências de regresso são, portanto, influenciadas pelos papéis de género e estão profundamente arraigadas em relações de poder desiguais que expõem elementos relacionados com a autonomia de género (ou falta dela) (Pessar & Mahler, 2003; Azevedo, 2022).

As mulheres que regressaram aos Açores relatam sentir-se muitas vezes numa encruzilhada entre a salvaguarda de valores tradicionais e o desafio de normas sociais através dos hábitos e estilos de vida que adquiriram no processo migratório (por exemplo, maior independência e capacidade de decisão no agregado familiar). As espacialidades de género surgem na interação com outras dimensões identitárias, tais como a idade, capacidade física e mental, e transições ligadas ao percurso de vida (por exemplo, o divórcio ou a viuvez) e estão profundamente inscritas nas decisões e experiências de emigração e regresso (Gambold, 2013). O conceito de “políticas emocionais da migração de regresso” (Sampaio, 2025) permite-nos compreender como o familiar e o geopolítico se articulam de forma complexa, revelando conexões não-lineares e evidenciando a centralidade dos afetos nas decisões de regresso. Analisar a migração a partir das emoções e das suas implicações políticas desafia leituras estritamente racionais e sublinha a agentividade dos sujeitos migrantes e destaca os efeitos sociais dos afetos. Tais decisões tomam forma através de temporalidades complexas que envolvem ritmos, frequências e intensidades variadas de contacto (por exemplo, visitas ou períodos de residência mais longos), relações familiares e de amizade e discursos emotivos, nomeadamente por meio de novas tecnologias.

As razões que motivam o regresso são muitas vezes compósitas, com considerações distintas a serem privilegiadas ao longo do percurso da vida (Sun, 2021). Este aspeto temporal é também visível nas experiências ambivalentes de regresso, em que períodos de entusiasmo se alternam com períodos de apatia ou até mesmo, em alguns casos, arrependimento e aceitação. A experiência de regresso de Fernando, no final dos seus 50 anos, nos anos 2000, exemplifica isto mesmo. A sua decisão de regressar foi, nas suas palavras, “talvez demasiado prematura”. Perante uma reestruturação económica nos Estados Unidos, para onde tinham emigrado, decidiu que era altura de fazer um plano de “pré-reforma” e regressar aos Açores com a sua esposa (também ela natural dos Açores) e a filha menor para abrir um pequeno negócio. Embora estivesse feliz por regressar ao ambiente familiar das ilhas, tanto o

seu negócio como a sua vida familiar foram afetados negativamente. Por um lado, Fernando deparou-se com vários desafios burocráticos para abrir um negócio e, por outro, a saúde mental da sua esposa deteriorou-se, longe das suas rotinas conhecidas e de familiares, também eles emigrados nos Estados Unidos. De acordo com Fernando:

O meu sonho era voltar depois de me reformar, mas acabei por voltar antes. Quando cheguei aos Estados Unidos, havia falta de mão de obra, mas depois os empregos começaram a escassear (...) e isso começou a afetar também a empresa onde eu trabalhava; foram reduzindo, reduzindo, no final éramos 15 ou 20 pessoas, e comecei a perceber que eu seria o próximo (...) então disse à minha esposa: “Olha, vamos fazer as malas e vamos embora”. Pus a casa à venda, vendi-a e viemos.

Ao regressar, Fernando, que tinha vivido duas décadas no estrangeiro, expressou frustração e um sentimento de “não pertencer totalmente” aos Açores (para um caso paralelo, veja-se Ní Laoire, 2008). Para ele, que tinha planeado a sua mudança pré-reforma com base na criação de um pequeno negócio nos Açores, os vários obstáculos burocráticos transformaram o seu sonho de regresso num projeto de vida agridoce (Sampaio, 2017b). Nas suas interações diárias, Fernando referiu sentir-se tanto um “*insider*” como um “*outsider*”, mesmo após décadas de regresso aos Açores. Mais do que identidades separadas, “*insider*” e “*outsider*” constituem-se mutuamente ao longo dos anos e do processo de regresso e de reenraizamento.

Tal como Fernando, outros açorianos que haviam regressado referem a sentimentos de ambivalência e alguns choques culturais ligados a convenções e expectativas sociais, burocracias e ritmos cotidianos distintos dos que estavam habituados na América do Norte. Em contextos migratórios e transnacionais, a recriação do lar surge enquanto um “trabalho em curso”, com afiliações a locais distintos e valores e normas sociais que nem sempre se alinham e que, por conseguinte, requerem uma negociação constante. A reconstrução do lar após o regresso exige, pois, um esforço físico e emocional considerável e envolve uma readaptação contínua.

Estas experiências transnacionais de pertença e reconstrução do lar podem ser lidas com referência ao “tipo de consciência” discutido por Steven Vertovec (1999, p. 450), isto é, uma forma de transnacionalismo caracterizada por “identificações duplas ou múltiplas” e “vínculos descentralizados”. Através do seu “habitus transnacional” (Guarnizo, 1997), os açorianos que regressam recorrem a e relacionam-se com valores sociais e culturais que são simultaneamente interligados e distintos, transnacionais e localizados. Esta circulação de ideias, valores morais e éticos, hábitos e recursos tangíveis e intangíveis transcende fronteiras e conecta locais distantes de forma multidirecionada e é essencial para compreender processos de mudança social (veja-se também Azevedo, Desille e Pinho, 2022). É importante ressaltar aqui que, em

vez de atuarem como equalizadores sociais ou impulsionadores de convergência, as redes transnacionais de migração podem também acentuar as desigualdades associadas, por exemplo, à classe social e ao gênero.

Culturas de envelhecimento transnacional

Estas dimensões transnacionais ligadas à emigração e ao regresso são particularmente salientes em contextos de envelhecimento que transcendem mais do que um país (Ciobanu et al., 2020; Nedelcu et al., 2024). Configurações sociais e familiares transnacionais informam e moldam culturas híbridas e léxicos diversificados de envelhecimento, que incorporam o regresso a normas culturalmente valorizadas (por exemplo, a importância da família nuclear e alargada, o papel da comunidade) e novos valores e códigos culturais adquiridos no processo de emigração (por exemplo, um sentimento mais forte de autossuficiência em idades mais avançadas). Estas dinâmicas compósitas apontam para a formação de culturas de envelhecimento transnacional (Sampaio, 2021, 2022).

Culturas de envelhecimento transnacional revelam-se em três dimensões centrais: (i) cuidados de saúde em períodos de vida mais avançados; (ii) valores e ética de trabalho; e (iii) autocuidado. A discussão que se segue centra-se no primeiro aspeto, central nas aspirações e considerações relativas ao futuro dos açorianos que regressam.

Para aqueles que regressam aos Açores em períodos mais avançados da vida, duas razões destacam-se como as mais comuns: o regresso aos Açores para receber cuidados por familiares (no presente ou enquanto opção futura) ou o regresso para beneficiar de cuidados de saúde mais baratos (Sampaio, 2020). A última opção tende a ser mais privilegiada por aqueles que não têm descendentes ou que têm a preocupação de libertar os seus filhos ou outros membros da família das responsabilidades de prestação de cuidados na velhice. De uma forma geral, os açorianos entrevistados expressaram visões mais independentes relativamente ao envelhecimento, fazendo referências mais frequentes a uma cultura de autossuficiência em idades mais avançadas.

Uma das razões que motivaram o regresso de Silvina foi libertar o seu único filho “do fardo” de prestar cuidados à medida que ela envelhecia. O seu filho, residente nos Estados Unidos, casado e com uma filha, tinha, nas palavras de Silvina, “um ritmo de vida frenético”. Para evitar complicar ainda mais as rotinas da família e possivelmente passar os seus “últimos anos” num lar de idosos no estrangeiro, Silvina decidiu regressar aos Açores.

Não quero ir morar com o meu filho porque ele mora com a mulher, a filha e o neto, e não quero incomodar ninguém. Sabe, chega-se a uma certa idade em que os mais jovens já não querem a nossa companhia, e a gente simplesmente segue em frente... Não me sinto desprezada porque não preciso de ninguém. Tenho o

que comer, tenho a minha vida toda organizada, não devo nada a ninguém.
[...]

Com a minha idade, é melhor estar aqui porque tudo é perto, enquanto nos Estados Unidos precisa-se de carro para ir a todo o lado (...) Eu sinto-me melhor aqui..

A experiência de Silvina, bem como relatos semelhantes de outros açorianos regressados, revela um entendimento sobre mudanças de valores éticos e morais relativamente ao papel dos filhos no cuidado pelos pais idosos, que se manifesta ao longo de gerações e é também influenciado pelo processo migratório. Tal como Silvina, Regina, quase nos seus 80 anos, que havia regressado dos Estados Unidos havia duas décadas para cuidar da mãe doente, notou:

Estou bem ciente dos sacrifícios que cuidar de um pai idoso implica. Posso dizer-lhe uma coisa: cuidar de uma pessoa idosa dá muito trabalho. Os filhos querem sair, querem aproveitar a vida, são jovens. A minha filha tem 50 e poucos anos, ainda é jovem, e Deus me livre de me tornar um fardo para ela. Estou mentalmente preparada para ir para um lar de idosos, se for necessário. Se chegar a um ponto em que precise disso, se já não conseguir cuidar de mim mesma...

Regina rematou: “Não quero ser um estorvo para os meus filhos e impedi-los de viver as suas vidas”. Interdependências e por vezes tensões geracionais, bem como mudança de matrizes culturais e valores internalizados sobre a autonomia na velhice, produzem novos padrões e experiências de envelhecimento. Os discursos de autossuficiência de Silvina e Regina evocam novas formas de entender e vivenciar o processo de envelhecimento, mas podem também ser interpretados como performativos e formulados em resposta a enquadramentos neoliberais da velhice que retratam a dependência como um fracasso individual (veja-se também Katz, 2005). Ideias sobre autonomia e capacitação em períodos mais avançados da vida revelam uma mudança de valores nos quais o envelhecimento ativo passa a ser central. Estereótipos sobre o período de velhice enquanto um período de dependência e vulnerabilidade são contestados e complicados pelas experiências dos açorianos que regressam e que permanecem, durante o período de reforma, ativos nos seus círculos sociais (King et al., 2017). O regresso e o envelhecimento não são entendidos como um “ponto final”, mas como uma fase da vida com mais possibilidades, onde novas aspirações sobre o futuro se constroem (para uma análise mais aprofundada sobre aspirações em idades mais maduras veja-se Amrith, Sakti e Sampaio, 2023).

Da Suíça para Portugal continental

Antes de ser concretizado, o regresso é imaginado. Vários autores referem, aliás, o regresso como uma componente do próprio projeto de emigração

(King 2000; Brettell, 2003; Klave & Süpule, 2019). As pessoas projetam-se num futuro mais ou menos distante e imaginam-se a regressar ao lugar de onde partiram quando estiverem reunidas as condições que consideram necessárias. No entanto, à medida que o tempo passa, os contextos socioeconómicos e políticos nos países de origem e de destino vão evoluindo. O mesmo acontece com os projetos de vida e projetos migratórios: alteram-se as temporalidades e as modalidades do regresso imaginado. Consequentemente, ao longo do percurso de vida, a intenção de regressar ao país de origem é frequentemente adiada ou, até, abandonada.

O conceito de *linked lives* – vidas vinculadas – é central para compreendermos as alterações dos projetos migratórios. Como havia salientado Elder (1994), “as vidas humanas estão, tipicamente, inseridas em relações sociais com familiares e amigos ao longo de toda a vida” (p. 6). Deste modo, as interdependências entre as pessoas migrantes e as que compõem as suas redes pessoais influenciam sobremaneira a decisão de partir ou ficar, tanto durante os anos de trabalho como no momento da reforma.⁶ A citação de Telmo, 68 anos, que reside na Suíça há 41 anos, ilustra a forma como as biografias de diferentes gerações de uma mesma família se articulam:

É assim: há um filho... depois acaba a escola e começa [uma formação]. Aquele acabou tudo e depois o outro começa... não é? E os anos vão passando... e a gente vai ficando... E depois chega-se a um período que já só me faltam X de anos para a reforma... vou ficar mesmo até à reforma, está a ver? Os filhos é que também prendem os pais, não é? Porque um termina, outro começa... A gente vai ficando... E depois o problema é que vêm os netos! (...) E a gente vai cá ficando... está a ver?

A temporalidade de eventos significativos do percurso de vida – como o casamento de filhos, o nascimento de netos, o falecimento do cônjuge, a doença de pais idosos – em relação ao momento da transição para a reforma da pessoa migrante, é igualmente central na tomada de decisão. Desta forma, as relações intergeracionais e as configurações familiares assumem particular importância na análise dos processos de regresso ou não regresso.

Sérgio, que vive na Suíça desde 1979, planeava mudar-se definitivamente para Portugal em 2020, mas mudou de ideias um ano antes de se

6 Na Suíça, a idade legal para se reformar é de 65 anos (até 2023, era de 64 anos para as mulheres). É possível reformar-se até três anos antes desta idade, o que implica um corte no valor da pensão de velhice. No setor da construção, no entanto, a convenção coletiva de trabalho consente o acesso à reforma a partir dos 60 anos. O sistema de pensões suíço é baseado em três pilares (1.º universal, 2.º previdência profissional e 3.º poupança individual). São necessários 42 anos para ter uma carreira contributiva completa e ter desconto para os três pilares para alcançar a pensão máxima.

reformular, quando soube que ia ser avô. Optou por ficar na Suíça e tornou-se um apoio essencial para o filho e a nora, assumindo o papel de principal cuidador da neta. Armanda e Mário, respetivamente 63 e 65 anos, optaram por regressar, uma vez que os seus netos já eram adolescentes e a mãe de Armanda, com 85 anos na altura, necessitava de cuidados permanentes. Anabela e Luís, ambos 61 anos, escolheram regressar a Portugal quando a filha se casou, antes de terem netos, conscientes de que seria mais difícil tomar essa decisão se já fossem avós.

Depois de abordadas as condições para regressar a Portugal após a saída definitiva do mercado de trabalho, examinemos os motivos que sustentam esta decisão.

Motivos para regressar a Portugal na reforma

As pessoas entrevistadas expressaram vários motivos para explicar a sua escolha em regressar. Nas suas narrativas, os motivos surgem entrelaçados, mas, por razões analíticas, foram classificados em quatro categorias, cada uma correspondendo a uma lógica distinta:

- económica → regressar para não empobrecer;
- estilo de vida → regressar para se manter ativo (p.ex., praticar atividades ao ar livre, viajar);
- afetiva → regressar para continuar a viver em casal e junto da família em Portugal;
- identitária → regressar por um sentimento de apego à terra/aldeia.

Os motivos de natureza económica são os mais frequentemente mencionados. As pessoas entrevistadas sentiram o seu nível de vida deteriorar-se após a reforma, devido ao baixo valor das pensões que auferem, não só por causa de carreiras contributivas incompletas, mas também pela posição que ocuparam no mercado de trabalho (empregos com salários relativamente baixos). Atendendo ao diferencial do custo de vida entre os dois países, o regresso surge como estratégia para enfrentar o risco de vulnerabilidade económica. Armanda analisa:

A gente vai embora porque, na Suíça, é tudo muito bonito, mas quando a gente chega à reforma, é um bocado complicado, porque o apartamento temos de o pagar com menos salário, porque a reforma [é baixa]... os impostos reduzem um bocadinho, mas a eletricidade é a mesma, a comida é a mesma, o seguro [de saúde] é o mesmo, portanto...

Além do tipo de integração dos portugueses na economia suíça, o sistema de saúde, cujos custos são difíceis de suportar para quem auferem pensões baixas,

também influencia fortemente a decisão de partir. A posse de algum património invalida a possibilidade de recorrer às prestações sociais previstas para os pensionistas cujos rendimentos são insuficientes. Assim, ter casa em Portugal significa, muitas vezes, não ter capacidades para permanecer e envelhecer na Suíça, mas sim para regressar.

Embora as razões económicas apareçam frequentemente como predominantes na decisão, elas estão interligadas com outras, por exemplo, relativas ao estilo de vida. Armanda prossegue:

É a tal coisa, estar aqui [na Suíça], num apartamento, ativos como somos (...) Eu acho que eu ficava doida aqui, só no terraço e a ver o lago, não tendo outra atividade. Então, pensamos: nós vamos lá para baixo [Portugal], quando tivermos saudades, vimos cá à Suíça, apanhamos a *Easyjet*, vimos nas épocas mais baratas.

Armanda e o marido pressentem estilos de vida diferentes, consoante optem por ficar no apartamento de três assoalhadas com terraço na Suíça, ou por partir e viver na moradia espaçosa com jardim em Portugal. À preocupação material, junta-se a preocupação de não terem condições para viver uma reforma “ativa”, como desejam.

Também Anabela e Luís têm consciência de que ficar na Suíça significa não terem capacidade financeira para realizarem aspirações como viajar ou ir a restaurantes. O casal quer aproveitar para desfrutar enquanto tem saúde e energia. A idade e a deterioração do corpo associada ao envelhecimento são fatores ponderados na equação “ficar *vs* partir”. Anabela sintetiza:

Lá em baixo [em Portugal], aos 65 anos, se estamos bem [de saúde], podemos viajar, podemos continuar a fazer muita coisa, mas aqui [na Suíça] não se pode fazer muita coisa.

Na hora de decidir, entram igualmente em jogo razões de natureza afetiva. Os dados recolhidos sugerem que a migração de regresso na reforma possa ser interpretada como um projeto de casal, uma experiência de vida a dois. Perante o “ninho vazio” e a perspetiva de um progressivo enfraquecimento das redes de sociabilidade associado à reforma, a unidade “casal” ganha centralidade. Embora a questão do regresso possa gerar tensões, a vontade de continuar a viver em conjugalidade favorece compromissos, tanto no sentido do regresso como do não regresso.

“Não tem graça o meu marido estar cá e eu lá”, suspirava Catarina na sua casa na região de Aveiro, onde, num canto da sala, ainda se amontoavam caixotes da mudança recente para Portugal. Regressou com 60 anos, 35 anos dos quais passados na Suíça. Apesar de estar apreensiva relativamente ao sistema de saúde português e à sua readaptação social, não se imagina a viver o

quotidiano longe do marido, com quem partilha agora um ritmo de vida semelhante, e perto da filha e dos netos, ocupados com os seus estudos e emprego.

Quanto a Anabela e Luís, a sequência de dois momentos de rutura biográfica, a reforma dele e o casamento da única filha, que doravante “vai ter a vida dela”, levou-os a reequacionar os seus planos de futuro: “Nós também temos de começar a nossa vida”.

Uma segunda razão de natureza afetiva que influencia o regresso numa fase avançada da vida é o apego à família (ascendente e colateral) que reside no país de origem. Cuidar de pais idosos constitui um motivo adicional para regressar na reforma, sendo percecionado como a última oportunidade para “aproveitar” a sua companhia. Além disso, em certos casos, os laços com irmãs e irmãos foram preservados e existe a perspetiva de recuperar uma sociabilidade forte baseada nesses laços familiares.

Por último, a migração de regresso pode igualmente estar relacionada com o sentimento de apego ao lugar, ou, mais concretamente, à “terra” onde se passou a infância e a juventude e onde se tem casa. Este sentimento é ainda mais forte quando a casa foi construída pelos próprios. Catarina re-corda a construção ao ritmo dosvaivéns sazonais nos primeiros anos de emigração:

Só fazíamos quando vínhamos cá (...) Levou cinco anos. Nós nunca tivemos férias, não íamos a lado nenhum. Fizemos uma placa e depois parámos. Depois subimos os muros todos até à outra placa. Depois numa outra vez fizemos o telhado.

José, com 63 anos, dos quais 34 passados em Genebra, evoca o investimento afetivo na casa que fora dos seus pais e que ele restaurou, bem como a sua ligação à “terra”, compreendida no duplo sentido de aldeia e de campo, e ao estilo de vida que esta oferece. O seu discurso evidencia a vontade de se reinserir socialmente no meio rural, após ter trabalhado intensamente na construção civil numa grande cidade durante mais de três décadas.

Sempre pensei ter a minha hortazinha, ter os meus animais para me entreter, ajudar algum amigo. É o que estou a fazer agora. (...) Tudo o que seja carne de ave, a gente não compra, não é? Tenho ali uns oito patos para matar.

No caso de José, os motivos identitários e o estilo de vida estão intrinsecamente ligados. Ao referir-se à vida no campo, ele afirma, com um sorriso largo e abrindo os braços para mostrar o terreno que o rodeia: “Tinha saudades disto, da minha liberdade”. No entanto, José está ciente de que a mudança de país representou uma perda de liberdade para a sua esposa, Lurdes (veja-se também Sampaio, 2022). Voltar para o meio rural colocou Lurdes em desvantagem comparativa, uma vez que o meio urbano onde

viviam anteriormente possibilitava-lhe uma maior autonomia de movimentos, nomeadamente porque ela não tem carta de condução.

[Em Genebra], ela tinha liberdade de fazer o que queria e neste momento já não tem essa liberdade. Faz o que quer, mas depende de mim (...) O problema é que, aqui, é dependente e lá não era.

Lugares de regresso

Para os portugueses que alcançaram a idade da reforma, ter casa própria era um dos principais objetivos do projeto migratório. Porém, esta concretização acabou por funcionar como uma armadilha. Várias pessoas entrevistadas admitem que se não tivessem uma casa em Portugal, o “dilema” do regresso seria mais simples de resolver. Sérgio lamenta as escolhas passadas:

Comprámos o terreno e fiz a casa (...) Mas foi pena, não devia ter comprado nada. Hoje [percebo isso]. Era aqui [na Suíça] que devia ter comprado. É ou não é?

Efetivamente, quem havia emigrado com um projeto de curta duração, investiu as suas economias na construção ou na compra de uma casa logo nos primeiros após ter saído do país. Tal como fora observado noutros contextos europeus, “o objetivo da emigração não era construir uma nova vida numa terra mais próspera, mas sim construir um futuro melhor em Portugal” (Klimt, 1989, p. 48). As casas materializavam esse compromisso de um regresso futuro.

Retrospectivamente, é feita uma avaliação crítica das opções tomadas no passado. A casa emergiu como uma questão complexa em numerosas entrevistas. Se, por um lado, existe um sentimento de apego à casa, que foi sonhada e é o símbolo de uma vida de trabalho, por outro, na idade da reforma, as prioridades mudaram, e tanto a dimensão e funcionalidades da casa, como o lugar onde se encontra, já não correspondem às necessidades atuais. Francisca, por exemplo, que cresceu numa aldeia no norte de Portugal e viveu cerca de quatro décadas na cidade de Lausanne, preferia trocar a sua casa de três andares em meio rural por um pequeno apartamento em meio urbano:

Se tivesse muito dinheiro, comprava um apartamento na cidade. Não queria viver mais, assim, na aldeia. Porque, agora é que eu vi, com os problemas de saúde que eu tive, a necessidade de viver numa cidade, onde haja um hospital (...) se eu precisar de ir a um médico, de ir a algum lado, ou assim, ter tudo à mão.

Com 63 anos na altura da entrevista, Francisca valoriza a proximidade dos serviços de saúde, mas sente também a necessidade de preservar a autonomia que conquistou em contexto migratório. Habituada a viver num contexto



Figura 1.3 Lugares de regresso, norte de Portugal

Fonte: Fotografia de Lilliana Azevedo, 2021.

urbano em que o controlo social é fraco, lamenta ter construído casa junto dos familiares do marido.

Nunca me senti muito bem nesta casa. Tenho aqui ao redor toda a família do meu marido. São pessoas que falam muito e eu não gosto, não gosto muito. (...) Por isso é que eu queria ir para uma cidade onde ninguém me conhecesse e onde eu não conhecesse ninguém.

Francisca é exemplo de uma mulher que contesta a ideia de regresso ao lugar de origem, pois regressar a esse lugar significa voltar a estar sujeita a normas sociais e de género que deixaram de fazer parte da sua vida quotidiana desde que emigrou. Preferia permanecer no país onde reside, mas não se opõe categoricamente a regressar a Portugal. Contudo, já não se identifica com o modo de vida numa localidade pequena e gostaria de ter a possibilidade de ir para outro lugar que não aquele onde tem casa. No entanto, a realocização em Portugal é uma opção difícil de concretizar, não só devido à dificuldade em vender e recuperar o valor monetário investido, mas também pelo valor sentimental que a casa muitas vezes representa para os pais, mas também para os filhos. A este respeito, Mariana conta:

Como é na aldeia, não sei se alguém... Os meus pais nasceram lá e acho que a minha filha mais velha não, como dizer, não sei se ela estaria de acordo de vender. Vender... ninguém dá o valor que aquilo vale. Para nós, tem outro valor e se formos a vender, ninguém dá aquele valor.

[...]

Eu, na praia, já me via mais. Saio fora, vou passear, estou sempre a ver pessoas. Eu gosto de estar tranquila, mas ao mesmo tempo também gosto de ver movimento e na aldeia... Dissemos que íamos comprar um apartamento na praia. Também deixámos para a última e agora são tão caros! Enfim...

Mariana tinha 63 anos quando foi entrevistada pela primeira vez, em 2018. A viver na Suíça desde os 27 anos, resistiu durante largos anos à ideia de regressar a Portugal, pois já não se identificava com a vida na aldeia. Prolongou a sua atividade profissional até perto dos 70 anos, decidiu regressar quando perdeu emprego e casa por motivos de saúde. Nessa altura, as netas já eram crescidas e não necessitavam do mesmo apoio.

Após o regresso

As práticas de mobilidade transnacional têm sido uma constante nos fluxos migratórios portugueses intra-europeus. Distâncias relativamente curtas e transportes a custo moderado possibilitam frequentes movimentos de *vai-vém* e levam uma ampla maioria de portugueses residentes na Suíça e em outros países europeus a fazerem visitas anuais ou plurianuais a Portugal. De igual forma, as deslocações no sentido contrário continuam a ser praticadas por um número significativo de pessoas após o regresso ao país. A intensidade destas circulações pode aumentar – por motivos familiares, como festas de aniversário ou Natal, apoio aos netos durante as férias ou apoio na mudança de casa – ou diminuir, nomeadamente por motivos de saúde.

A maioria das pessoas entrevistadas gostaria de passar uma parte do ano em cada país, mantendo um pequeno apartamento na Suíça que lhes permitisse conservar a sua independência e ir e vir “à vontade”. Por motivos económicos, tal é difícil de concretizar. A ausência de um lar na Suíça torna as viagens menos propícias. Quem regressou acaba por voltar apenas quando é estritamente necessário, manifestando algum desconforto por ter de ficar em casa dos/as filhos/as. Mariana desabafa:

Se pudesse ir e vir. Mas, pronto, ir e vir.... [As minhas filhas] às vezes dizem: ó mãe, você sabe que tem casa para estar. Mas eu também *não quero incomodar* ninguém (itálico nosso).

A mobilidade transnacional de reformados/as é potenciada pelo facto de, contrariamente ao que havia sido imaginado, não se verificar um regresso

em família. Tal implica uma separação de gerações na mesma família. São estes laços familiares que, por vezes, desincentivam o regresso da geração mais velha e, por outras, incentivam a mobilidade pós-regresso, não só dos mais velhos como também das gerações mais novas, que “ficaram para trás”.

Alexandre emigrou para a Suíça em 1982, regressou em 1999 e voltou a emigrar doze anos mais tarde, acompanhado pelos filhos, entretanto adultos. Aos 60 anos, planeia um novo regresso a Portugal, desta feita como reformado. Tem bem presente que os regressos cíclicos irão continuar, mas em sentido contrário:

É evidente que, de ano a ano, venho cá de novo, continuo a vir cá, porque vão cá ficar as minhas raízes, os meus netos, os meus filhos, não é? E, claro que tenho que vir cá vê-los, não é? Embora eles também vão a Portugal, mas eu tenho que cá vir, não é?

Consciente dos desafios de mudar de país numa idade mais avançada, após um processo de sedentarização e hibridização identitária, Alexandre acrescenta: “Eu acho que Portugal é muito pequenino para mim”. Alexandre está ciente do distanciamento cultural causado pela migração e dos desafios de se readaptar a um sistema que já não lhe é familiar (para um paralelo, veja-se Sampaio, 2021).

As visitas periódicas, ano após ano, não foram suficientes para impedir um certo sentimento de desfasamento decorrente de uma ausência prolongada. Este sentimento é alimentado por outro que está presente em várias narrativas: “Somos um pouco como estrangeiros em Portugal”. Ricardo, 60 anos à data da entrevista, queixa-se:

Quando vou de férias, passados estes 35 anos, chego a Portugal e há pessoas que... me olham de outra maneira porque já não... não vivo no país há muito tempo e *já me tratam como um estrangeiro*. Apesar de nunca falar francês em Portugal (itálico nosso).

Após tantos anos fora de Portugal, as pessoas regressadas necessitam de algum tempo para se readaptarem ao país, apropriarem-se das normas atuais e reconstruírem ligações aos lugares e às pessoas, bem como para serem reconhecidas pelas pessoas locais como pertencendo (novamente) ao lugar. Podemos, por isso, entender o regresso na reforma como uma nova migração que implica um processo de “re-embedding” (Ryan, 2023).

Discussão, conclusões e considerações para pesquisas futuras

A contribuição original deste capítulo reside na perspectiva comparativa sobre migração de regresso a Portugal numa fase mais avançada da vida. São apresentados dados empíricos de duas pesquisas qualitativas de cariz etnográfico, uma das quais centrada nos movimentos migratórios entre o Arquipélago dos Açores e a América do Norte, e a outra centrada nos movimentos entre Portugal Continental e um dos principais destinos europeus dos últimos quarenta anos, a Suíça.

Com base em dois contextos distintos, os dois estudos apresentam mais semelhanças do que diferenças. Reimaginar e recriar um lar em Portugal, seja nos Açores, seja no continente, no presente e no futuro significa “criar passados e futuros habitando o presente” (Ahmed et al., 2003, p. 9). É através das experiências vividas no presente, contrastadas com o passado noutra contexto geográfico, na América do Norte ou na Europa, e até mesmo antes da emigração, que os portugueses e as portuguesas que migraram articulam o seu regresso com a reforma, as suas práticas de *home making* e o desejo de envelhecer no seu país de origem.

O regresso numa fase mais avançada da vida está, em certos casos, intimamente ligado às memórias da infância, aos sentimentos de nostalgia e ao desejo de se reconectar com recordações, lugares e laços do passado. Noutros casos, o regresso está relacionado com dificuldades em suportar os custos de vida – e de saúde – nos países para os quais haviam migrado mais novos, ou ainda com a vontade de viver a reforma de acordo com um estilo de vida que esses países não lhes proporcionam. Em todos os casos, o regresso ao país de origem surge como um “trabalho em curso”, isto porque “leva tempo para se sentir em casa” (Ahmed et al., 2003, p. 9) e a realocização é um processo que se desenvolve de forma relacional, entre o país de origem e o país de destino, e por meio de relações mantidas no espaço transnacional (Walsh & Näre, 2016).

Além disso, do ponto de vista material, a escolha da residência é fortemente condicionada pela presença de património imobiliário. A presença de uma habitação em Portugal, construída ou adquirida pelo/a próprio/a, ou fruto de uma herança, constitui uma motivação importante para o regresso. A localização dessa habitação influencia a escolha do lugar para onde se regressa, sendo, na maioria dos casos, a aldeia, a vila ou a cidade de origem. No caso dos portugueses do continente, embora ainda bastante minoritária, é possível observar uma tendência para adquirir casa em locais distantes da sua origem, situados principalmente no litoral, que oferecem um estilo de vida compatível com as suas aspirações atuais.

As divergências observadas entre os dois estudos devem-se, em grande medida, a certas características dos países de destino, começando pela sua localização em relação ao ponto de partida dos migrantes portugueses, o que contribui para explicar que “na emigração açoriana, o projeto de regresso

assume muito menos importância do que na emigração continental” (Couchinho, 2023, p.74, citando Leal, 2007). Por outro lado, a maior ou menor distância geográfica também se reflete nas práticas de mobilidade transnacionais após o regresso. Embora os laços familiares e de amizades transatlânticos perdurem, para a maioria dos açorianos que regressam, a pendularidade entre os Açores e a América do Norte é uma opção menos viável, ou difícil de realizar com frequência, dada a importante distância geográfica, a complexidade logística, especialmente para quem reside em ilhas com menor disponibilidade de voos, e os custos elevados das viagens. No caso da Suíça, a distância mais curta, a elevada frequência de voos e a continuidade territorial permitem uma mobilidade transnacional mais frequente e a custos acessíveis, seja por via aérea ou terrestre.

As implicações mais práticas do regresso refletem-se também no estilo de vida, caracterizado por múltiplas pertenças e na vida quotidiana após a realocação. No caso dos Açores, o regresso facilita as tarefas diárias para quem regressa a aglomerados urbanos mais pequenos ou a localidades rurais, onde é possível caminhar até à mercearia, à farmácia e outros serviços essenciais. Esta possibilidade contribui para a autonomia e mobilidade em períodos mais avançados da vida, tal como ilustra o caso de Silvina, para quem a dependência do carro nos Estados Unidos se tornou um obstáculo à sua mobilidade diária. Já, no caso dos regressos da Suíça, as mulheres, em particular as que regressam para aldeias ou zonas urbanas periféricas, queixam-se do isolamento que vivenciam após o regresso a Portugal, pois grande parte destas mulheres não possui carta de condução. Se, na Suíça, viviam em cidades com uma rede de transportes bastante desenvolvida e em bairros onde tinham todas as comodidades perto de casa, em Portugal, vivem geralmente afastadas dos centros urbanos, em áreas rurais onde os transportes públicos escasseiam. Em consequência da sua dependência do marido ou de outras pessoas, a sua liberdade e capacidade de autodeterminação encontra-se reduzida.

Em ambos os estudos, observamos que a percepção de “sucesso” dos projetos de regresso aparece associada a um sentimento de pertença ao lugar e à autossuficiência (física, social e financeira), que promove a capacitação física e mental em fases mais avançadas da vida. Os portugueses e as portuguesas que regressam transportam consigo culturas de envelhecimento híbridas compostas tanto por códigos culturais dos países onde viveram como por vivências dos lugares de origem (Sampaio, 2021). Estas identidades e experiências sincréticas de envelhecimento são produzidas de forma interseccional (por exemplo, com forte influência do género e da classe social) e retrabalhadas em campos sociais que atravessam múltiplos espaços e escalas. De uma forma geral, as narrativas de quem regressou, às ilhas ou ao continente, enfatizam formas de envelhecimento ativo. A adoção de valores e códigos culturais prevaletentes nos países de destino revela-se, por exemplo, na preocupação em não se tornar um fardo para as filhas e os filhos à medida que se envelhece e o

desejo de não querer incomodar – aspeto identificado em ambos os estudos. O regresso aparece assim, em muitos casos, ligado ao desejo de uma vida autónoma e autossuficiente numa fase mais avançada da vida, com um foco predominantemente no casal, o que também liberta, de alguma forma, as filhas e os filhos de responsabilidades relativamente aos pais. Efetivamente, com o passar do tempo, o projeto de regressar em família dá lugar ao projeto de regressar em casal, e o projeto de regressar para trabalhar — depois de garantir uma casa e algumas poupanças — dá lugar ao projeto de regressar para desfrutar da reforma, do património e da família que ficou no lugar de origem, enquanto a saúde o permite.

Concluimos este capítulo com uma nota para investigações futuras. A nível nacional, o envelhecimento de (ex-)migrantes portugueses não tem sido objeto de pesquisa e, à exceção de alguns trabalhos (Sampaio, 2022; Azevedo, 2023), os estudos sobre o regresso a Portugal centram-se sobretudo nos migrantes em idade “ativa”. As experiências de pós-regresso e o envelhecimento transnacional em idades mais avançadas carecem ainda de atenção. No entanto, não se devem descurar os grupos de regressados reformados, tanto os mais jovens (“*young-old*”) como os mais idosos (“*old-old*”), que contribuem para a produção dos lugares (*place-making*) nos quais se reinstalam e nos quais produzem impactos demográficos, económicos e socioculturais. Trata-se de um campo por explorar, assim como as eventuais (re)emigrações, quando a saúde se deteriora e as redes locais de apoio enfraquecem.

A nossa análise aponta para a importância do diálogo entre estudos sobre o transnacionalismo e estudos sobre o envelhecimento que, acreditamos, permite uma compreensão mais abrangente das identidades e culturas de envelhecimento como formulações híbridas cristalizadas ao longo de espaços sociais transnacionais. Para além disso, o foco no transnacionalismo e reemigração em fases mais avançadas da vida permite desenvolver (novas) políticas públicas que, atualmente, continuam maioritariamente centradas em grupos mais jovens, saudáveis e com maior mobilidade entre países.

Referências bibliográficas

- Ahmed, Sara, Castañeda, Claudia, Fortier, Anne-Marie, & Sheller, Mimi (Eds.) (2003), *Uprootings — Regroundings: Questions of Home and Migration*, Oxford, Berg.
- Amaro, Rogério Roque (1985), “Ei-los que voltam: problemas e desafios do regresso dos emigrantes”, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 15/16/17, pp. 351-373.
- Amrith, Megha, Sakti, Victoria Kumala, & Sampaio, Dora (2023), *Aspiring in Later Life. Movements across Time, Space, and Generations*, New Brunswick, NJ, Rutgers University Press.

- Archives contestataires, Collège du travail et Rosa Brux (2019), *Nous, Saisonniers, Saisonniers...* Genève, 1931-2019, Catalogue d'exposition.
https://www.collegedutrabail.ch/fileadmin/News/Media_file/3_2019Saisonnier-publication.pdf
- Azevedo, Liliana (2022), "Migração de regresso na reforma: tensões e negociações no casal", *Cidades, Comunidades e Territórios* (44), pp. 38-52.
- Azevedo, Liliana (2023), *Partir ou ficar? Transição para a reforma e migração de regresso de casais portugueses na Suíça*, [Tese de Doutoramento, Lisboa, Instituto Universitário de Lisboa, Repositório Iscte, <http://hdl.handle.net/10071/29086>].
- Azevedo, Liliana (2025), "La migration portugaise en Suisse: entre changements et continuités", Em Philippe Wanner & Rosita Fibbi (Eds), *Paysage Migratoire au XXIe Siècle en Suisse Zürich*, Seismo Verlag, pp. 205-224.
- Azevedo, Liliana, Desille, Amandine, & Pinho, Filipa (2022), "Migração de regresso para Portugal: Revisitar o passado, compreender o presente", *Cidades, Comunidades e Territórios* (44), 1-9, <https://doi.org/10.15847/cct.27207>
- Barreto, António, Benavente, Ana, Figueiredo, Eurico, Ferreira, José Medeiros, & Alexandre, Valentim (2011), *Pátria Utópica – O Grupo de Genebra Revisitado*, Lisboa, Bizâncio.
- Baykara-Krumme, Helen (2013), "Returning, staying, or both? mobility patterns among elderly Turkish migrants after retirement", *Transnational Social Review*, 3 (1), 11-29, <https://doi.org/10.1080/21931674.2013.10820745>
- Bolzman, Claudio, & Bridji, Slim (2019), "Older immigrants living in Switzerland and ambivalence related to return around the retirement period", *International Journal of Comparative Sociology*, 20 (1-2), pp. 14-36.
<https://doi.org/10.1177/0020715218824634>
- Bolzman, Claudio, Fibbi, Rosita, & Vial, Marie (2006), "What to do after retirement? Elderly migrants and the question of return", *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 32 (8), pp. 1359-1375.
<https://doi.org/10.1080/13691830600928748>
- Brettell, Caroline (2003), "Emigrar para voltar: a portuguese ideology of return migration", Em Caroline Brettell, *Anthropology and Migration: Essays On Transnationalism, Ethnicity, and Identity*, Lanham, MD, Altamira Press, pp. 54-74.
- Burholt, Vanessa, Scharf, Thomas, & Walsh, Kieran (2013), "Imagery and imaginary of islander identity: Older people and migration in Irish small-island communities", *Journal of Rural Studies*, 31, pp. 1-12.
- Candeias, Pedro, Góis, Pedro, Marques, José Carlos, & Peixoto, João (2014), "Emigração portuguesa: bibliografia comentada (1980-2013)", *Socius Working Papers*, 01/2014, ISEG.
- Castelo, Cláudia (2009), "Migração ultramarina: contradições e constrangimentos", *Ler História*, 56, 69-82, <https://doi.org/10.4000/lerhistoria.1950>
- Cerase, Francesco P. (1974), "Expectations and reality: A case study of return migration from the United States to Southern Italy", *International Migration Review*, 8(2), pp. 245-262.

- Ciobanu, Ruxandra Oana, Nedelcu, Mihaela, Ammann, Eva Soom, & van Holten, Karin (2020), "Intersections between ageing and migration: Current trends and challenges", *Swiss Journal of Sociology*, 46 (2), pp. 187-197.
<https://doi.org/10.2478/sjs-2020-0010>
- Conway, Dennis, Potter, Robert B., & Bernard, Godfrey St. (2009), "Repetitive Visiting as a Pre-return Transnational Strategy among Youthful Trinidadian Returnees", *Mobilities*, 4(2), 249-273, <https://doi.org/10.1080/17450100902906707>
- Corcoran, Mary P. (2002), "The process of reinvention of self: The experiences of returning Irish Emigrants", *Éire-Ireland*, 37 (1-2), pp. 175-191.
- Couchinho, Filipa Violante (2023), *Migrações de Retorno no Contexto Insular Açoriano. O regresso voluntário à região de origem: A experiência Faialense*, Ponta Delgada, Edições Letras Lavadas.
- Coulon, Alain de, & Wolff, François-Charles (2010), "Location intentions of immigrants at retirement: Stay/return or go 'back and forth'?", *Applied Economics*, 42(26), 3319-3333, <https://doi.org/10.1080/00036846.2010.482518>
- D'Amato, Gianni (2011), "The case of Switzerland", Em Giovanna Zincone, Rinus Penninx, & Maren Borker (Eds), *Migration policymaking in Europe*, IMISCOE Research, Amsterdam University Press, pp.165-193
<https://www.imiscoe.org/docman-books/263-zincone-penninx-borkert-2011/file>
- de Haas, Hein, & Fokkema, Tineke (2010), "Intra-household conflicts in migration decision making: Return and pendulum migration in Morocco", *Population and Development Review*, 36 (3), pp. 541-561.
- Duval, David T. (2004), "Linking return visits and return migration among Commonwealth Eastern Caribbean migrants in Toronto", *Global Networks*, 4, 51-67, <https://doi.org/10.1111/j.1471-0374.2004.00080.x>
- Elder, Glen H., Jr. (1994), "Time, human agency, and social change: perspectives on the life course", *Social Psychology Quarterly*, 57 (1), pp. 4-15.
- Gambold, Lies (2013), "Retirement abroad as women's aging strategy", *Anthropology & Aging*, 34 (2), pp. 184-198, <https://doi.org/10.5195/aa.2013.19>
- Guarnizo, Luis Eduardo (1997), "The emergence of a transnational social formation and the mirage of return migration among Dominican transmigrants", *Identities*, 4 (2), pp. 281-322.
- Fibbi, Rosita, Bolzman, Claudio, Fernandez, Antonio, Gomensoro, Andrés, Kaya, Bülent, Maire, Christelle, Merçay, Clémence, Pecoraro, Marco, & Wanner, Philippe (2010), *Les Portugais en Suisse*, Neuchâtel, Office fédéral des migrations.
- Hunter, Alistair (2016), "Emotional or instrumental? Narratives of home among North and West African seniors in France", Em Katie Walsh & Lena Näre (Eds.), *Transnational Migration and Home in Older Age*, London, Routledge, pp. 75-86.
- INE — Instituto Nacional de Estatística (2016), *Estimativas da População*, <https://www.ine.pt/>
- INE — Instituto Nacional de Estatística (2021), *Censos da População*, <https://www.ine.pt/>

- Katz, Stephen (2005), *Cultural Aging: Life Course, Lifestyle, and Senior Worlds*, Peterborough, Broadview Press.
- King, Russell (2000), "Generalizations from the history of return migration", Em Bimal Ghosh (Ed.), *Return Migration: Journey of Hope or Despair* (pp. 7–55). Geneva, United Nations, IOM.
- King, Russell, Lulle, Aija, Sampaio, Dora, & Vullnetari, Julie (2017) "Unpacking the ageing–migration nexus and challenging the vulnerability trope", *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 43(2), pp. 182–198.
- King, Russell, & Kuschminder, Katie (Eds) (2022), *Handbook of Return Migration*, Cheltenham, Edward Elgar.
- Klave, Evija, & Šūpule, Inese (2019), "Return migration process in policy and practice", Em Rita Kaša, & Inta Mieriņa (eds), *The Emigrant Communities of Latvia: Nation-al Identity, Transnational Belonging, and Diaspora Politics*, IMISCOE Research Series, Cham, Springer, pp 261–282.
https://doi.org/10.1007/978-3-030-12092-4_12
- Klimt, Andreas (1989), "Returning home: Portuguese migrant notions of temporariness, permanence, and commitment", *New German Critique — Special Issue on Minorities in German Culture*, 46, pp. 47-70.
<https://doi.org/10.2307/488314>
- Klinthäll, Matin (2006), "Retirement return migration from Sweden", *International Migration*, 44 (2), pp. 153–180, <https://doi.org/0.1111/j.1468-2435.2006.00367.x>
- Marques, José Carlos (2008), *Os portugueses na Suíça. Migrantes europeus*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais.
- Marques, José Carlos, & Góis, Pedro (2023), *Expetativas e Experiências de Regresso de Emigrantes Portugueses*, Lisboa, Almedina
- Massey, Doreen B. (2005), *For Space*, London, Sage.
- Minga, Teófilo A. R. (1985), *La Famille Dans L'immigration: Étude de la Problématique Dans le Domaine de L'immigration Portugaise en Suisse*, Porto, Secretaria de Estado da Emigração.
- Nedelcu, Mihaela, Tomás, Livia, Ravazzini, Laura, & Azevedo, Liliana (2024), "A retirement mobilities approach to transnational ageing", *Mobilities*, 19(2), pp. 208-226.
- Ní Laoire, Cairtriona (2008), "Complicating host-newcomer dualisms: Irish return migrants as home-comers or newcomers", *Translocations: Migration and Social Change*, 4 (1), pp. 35–50.
- Oliveira, Isabel Tiago, Candeias, Pedro, Peixoto, João, Azevedo, Joana, & Malheiros Jorge (2016), "Regresso e circulação de emigrantes portugueses no início do século XXI", *Sociologia, Problemas e Práticas*, 81, pp. 11-35.
- Paiva, Amadeu (Org.) (1985), *Portugal e a Europa. O Fim de Um Ciclo Migratório*, Lisboa, IED / CEDEP.
- Peixoto, João, Candeias, Pedro, Ferreira, Bárbara, Tiago de Oliveira, Isabel, Azevedo, Joana, Marques, José Carlos, Góis, Pedro, Malheiros, Jorge, Madeira, Paulo Miguel, Schiltz, Aline, Ferro, Alexandra, & Santana, Eugénio

- (2019), "New emigration and Portuguese society: transnationalism and return", Em Claudia Pereira, & Joana Azevedo (Eds.), *New and Old Routes of Portuguese Emigration. Uncertain Futures at the Periphery of Europe*, Imiscoe Research Series, Springer Cham, pp. 49-72.
- Pereira, Cláudia, & Azevedo, Joana (Eds.) (2019), *New and Old Routes of Portuguese Emigration. Uncertain Futures at the Periphery of Europe*, IMISCOE Research Series, Cham, Springer.
- Pereira, Victor (2009), "Ineficiência, fragilização e duplicidade. O velho Estado Novo perante a emigração para França (1960-1968)", *Ler História*, 56, 45-68, <https://doi.org/10.4000/lerhistoria.1944>
- Pereira, Victor (2010), "O exílio português na Suíça (1962-74)", Em Maria Inacia Rezola, & Pedro Aires Oliveira (eds), *O longo curso. Estudos em Homenagem a José Medeiros Ferreira*, Lisboa, Tinta-da-china, pp. 305-330.
- Pessar, Patricia R., & Mahler, Sarah J. (2003), "Transnational migration: Bringing gender in", *International Migration Review*, 37 (3), pp. 812-846. <https://doi.org/10.1111/j.1747-7379.2003.tb00159.x>
- Piguet, Etienne (2004), *L'Immigration en Suisse: 50 Ans d'Entrouverture*, Lausanne, Presses polytechniques et universitaires romandes.
- Pinho, Filipa, Marques, José Carlos, & Góis, Pedro (2021a), "Migrações de regresso a Portugal: uma história sem fim", *Sociedade & Estado*, 36 (3), pp. 1989-1013. <https://doi.org/10.1590/s0102-6992-202136030007>
- Pinho, Filipa, Góis, Pedro, & Marques, José Carlos (2021b), "Ficar ou voltar? Intenções de regresso entre portugueses qualificados emigrados a partir do ano 2000", *Análise Social*, 56 (1), 4-29, <https://doi.org/10.31447/as00032573.2021238.01>
- Pinho, Filipa, Marques, José Carlos, & Góis, Pedro (2022), "Portugal e Espanha, países para regressar" *Cidades, Comunidades e Territórios*, 44, pp. 104-120. <https://doi.org/10.15847/cct.26508>
- Pires, Ruis Pena, Vidigal, Inês, Pereira, Cláudia, Azevedo, Joana, & Veiga, Carlota Moura (2025), *Emigração Portuguesa 2024: Relatório Estatístico*, Lisboa, Observatório da Emigração e Rede Migra, CIES-Iscte.
- Pires, Rui Pena, & Silva, Manuela (1987), *Os Retornados, Estudo Sociográfico*, Lisboa, Instituto de Estudos para o Desenvolvimento.
- Poinard, Michel (1979), *Le Retour des Travailleurs Portugais*, Paris, La Documentation Française.
- Poinard, Michel (1983), "Emigrantes retornados de França: a reinserção na sociedade portuguesa", *Análise Social*, 19 (76), pp. 261-296.
- Rocha, Gilberta Pavão Nunes (2008), "Crescimento da população e os novos destinos da emigração—1895–1976", Em Artur Teodoro Matos, Avelino de Freitas De Meneses, & José Guilherme Leite (Eds.), *História dos Açores* (Vol. II), Ponta Delgada, Instituto Açoriano de Cultura, pp. 265–305.
- Rocha, Gilberta Pavão Nunes, de Medeiros, Octávio H. Ribeiro, & Ferreira, Eduardo (2011), *Profiles and Pathways of Immigrants in the Azores*, Ponta Delgada, Regional Department of the Communities.

- Rocha, Gilberta Pavão Nunes, Ferreira, Eduardo, & Mendes, Derrick (2011), *Entre Dois Mundos, Emigração e Regresso aos Açores*, Ponta Delgada, Governo dos Açores.
- Rocha-Trindade, Maria Beatriz (1987), *O Fenómeno Migratório na Região Centro: Regresso e Reinserção na Diocese de Coimbra*, Coimbra, Comissão de Coordenação da Região Centro.
- Ryan, Louise (2023), "Dis-embedding or Re-embedding? Exploring Migrants' responses in contexts of 'unsettling events'", Em Jakobson, ML., King, R., Moroşanu, L., Vetik, R. (eds) *Anxieties of Migration and Integration in Turbulent Times* (pp. 21-39), IMISCOE Research Series, Cham, Springer.
https://doi.org/10.1007/978-3-031-23996-0_2
- Sampaio, Dora (2017), "Ageing "here" or "there"? Spatio-temporalities in older labour migrants' return aspirations from the Azores", *Finisterra*, 52 (106), pp. 49-64.
- Sampaio, Dora (2017), "'Is this really where home is?': Experiences of home in a revisited homeland among ageing Azorean returnees", Em Zana Vathi & Russell King (Eds.), *Return Migration and Psychosocial Wellbeing*, London, Routledge, pp. 240-256
- Sampaio, Dora (2020), "Ageing strategically: On migration, care, and diversity in later life", *Population, Space and Place*, 26 (4), e2317.
- Sampaio, Dora (2021), "Languages of othering and cultural hybridity, Transnational cultures of ageing in the context of return to the Azores", *Ageing & Society*, 41(6), pp. 1289-1307.
- Sampaio, Dora (2022), *Migration, Diversity and inequality in Later Life: Ageing at a Crossroads*, London, Palgrave Macmillan.
- Sampaio, Dora (2025), "The emotional politics of return migration: Negotiating im/mobilities across borders and generations", *International Migration*, 63(2), e13342.
- Sampaio, Dora, & King, Russell (2019), "'It's not everybody that wants to stay on a remote island': Understanding distinction in the context of lifestyle migrants growing older in the Azores", *Journal of Rural Studies*, 72, pp. 186-195.
- SEM, Secrétariat d'Etat aux Migrations (2025), *Statistiques annuelles sur L'immigration*, Berne, SEM/DFJP
- Silva, Marta (2024), *Destino: França. Identidades, Trajetos e Memórias do Auxílio à Emigração Clandestina*, Lisboa, Âncora Editora.
- Silva, Manuela, Amaro, Rogério Roque, Clausse, Guy, Conim, Custódio, Matos, Madalena, Pisco, Manuel, Seruya Luís Miguel (1984), *Retorno, Emigração e Desenvolvimento Regional em Portugal*, Lisboa, Instituto de Estudos para o Desenvolvimento.
- Sun, Ken Chih-Yan (2021), *Time and Migration: How Long-Term Taiwanese Migrants Negotiate Later Life*, Ithaca, Cornell University Press.
- Teixeira, Carlos (2010), "Toronto multicultural e "little Portugal" ("a décima ilha dos Açores")", Em Maria Lucinda Fonseca (coord.) *Aproximando Mundos: Emigração, Imigração e Desenvolvimento em Espaços Insulares*, Lisboa, Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento, pp. 193-212.

- Vertovec, Steven (1999), "Conceiving and researching transnationalism", *Ethnic and Racial Studies*, 22(2), pp. 447–462.
- Vidigal, Inês (2025), "Emigraram 65 mil portugueses em 2024", *Observatório da Emigração*. <http://observatorioemigracao.pt/np4/10584.htm>
- Vlase, Ionela (2013), "'My husband is a patriot!': Gender and Romanian family return migration from Italy", *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 39(5), pp. 741–758.
- Walsh, Katie, & Näre, Lena (2016), *Transnational migration and Home in Older Age*, London, Routledge.
- Williams, Allan M., & Fonseca, Lucinda (1999), "The Azores: Between Europe and North America", Em Russell King & John Connell (Eds.), *Small Worlds, Global Lives, Islands and Migration*, London, Pinter, pp. 55–76.